

Conceito de Filosofia Cristã

Prof. Dr. Fábio Augusto Darius

Bibliografia básica:

- GILSON, Etienne; BOEHNER, Philotheus. **História da Filosofia Cristã**. Petrópolis: Vozes, 2003.

Conceito de Filosofia Cristã

- “É cristã toda filosofia que, criada por cristãos convictos, distingue entre os domínios da ciência e da fé, demonstra suas proposições com razões naturais, e não obstante vê na revelação cristã um auxílio valioso, e até certo ponto mesmo moralmente necessário para a razão”.



1884-1978

Uma filosofia cristã jamais irá de encontro às verdades de fé claramente formuladas pela igreja

- A) A fé preserva a filosofia de muitos erros;
- B) A fé propõe certas metas ao conhecimento racional;
 - O filósofo cristão não faz da fé o objetivo de sua filosofia
 - Epistemologia e Ontologia
- C) A fé determina a atitude cognoscitiva do filósofo cristão
 - A filosofia, portanto, não pode ser uma espécie de religião natural.
 - “Deus é o autor da ciência. As pesquisas científicas abrem ao espírito vasto campo de ideias e informações, habilitando-nos a ver Deus em Suas obras criadas. A ignorância pode tentar apoiar o ceticismo, apelando para a ciência; em vez de o sustentar, porém, a verdadeira ciência contribui com novas provas da sabedoria e do poder de Deus. Devidamente compreendidas, a ciência e a Palavra escrita concordam entre si, lançando luz uma sobre a outra. Juntas, conduzem-nos para Deus, ensinando-nos algo das sábias e benéficas leis por que Ele opera” (*Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, 426).

Uma filosofia cristã jamais irá de encontro às verdades de fé claramente formuladas pela igreja

- D) A fé determina o sentido do labor filosófico
 - Enquanto o pensador cristão não veja na filosofia um sucedâneo da religião, ele não deixa de encará-la como tarefa genuinamente religiosa.
 - Função da religião...

Notas características da filosofia cristã

- A) Toda ciência cristã norteia-se pela tradição, pois todo sistema cristão tem consciência de ser parte e parcela de uma empresa coletiva, para a qual deverá contribuir, levando adiante a obra dos predecessores
- B) A filosofia cristã tende, quase sempre, a fazer seleção entre os seus problemas
 - 1) Problemas de base: existenciais, imortalidade da alma, liberdade...
 - 2) Questões lógicas ou epistemológicas
 - 3) Filosofia da Natureza

Notas características da filosofia cristã

- C) A filosofia cristã manifesta, quase sempre, forte tendência sistematizadora
 - Aspira a uma visão total da realidade

A Filosofia Cristã e a Bíblia

- O aparecimento do cristianismo foi distinto: nem se apresentou como filosofia, mas como religião
- A um pequeno grupo de galileus incultos coube anunciar ao mundo a boa nova de Jesus
- Toda filosofia tem seu ponto de partida no homem
- A religião parte de Deus e se endereça à indigência espiritual e moral do homem
- Era imperioso que o cristianismo assumisse uma atitude crítica perante a filosofia helênica.
- A posse de uma verdade absoluta, garantida pela revelação, proporciona aos cristãos um critério seguro de julgamento em face das especulações gregas
 - Metanarrativa



λόγος

Justino Mártir

- Aprendemos que Cristo é o primogênito de Deus e que é o Logos, do qual participa todo o gênero humano - Apol. Prima, 46.
- Consequentemente, aqueles que viveram antes de Cristo, mas não segundo o Logos, foram maus, inimigos de Cristo (...) ao contrário aqueles que viveram e vivem conforme o Logos são cristãos, e não estão sujeitos a medos e perturbações - I Apologia.

A doutrina do Logos

- A) O Logos é Deus e Pessoa – o Logos é o Deus vivo, não está apenas em Deus e com Deus; ele é o próprio Deus
- B) O Logos como pensamento vivo e pessoal de Deus
- C) O Logos é a luz do mundo

Justino Mártir



- Nascido no ano 100 em Flávia Nápoles, atual Nublus, Palestina.
- Estou retórica, poesia e filosofia
- Interessou-se desde cedo pelo estoicismo e platonismo
- Trifão o introduz ao mesmo tempo ao Cristianismo e ao estudo da Filosofia.

Percepções do conflito entre judeus e cristãos no segundo século no diálogo com Trifão, de Justino Mártir

FÁBIO AUGUSTO DARIUS¹

CLEYTON RIBEIRO DE SOUZA²

A instável relação entre judeus e cristãos elucida inúmeras interpretações quanto a causa, efeito e circunstância de divergência entre ambos. O presente trabalho tem como objetivo explicar a relação entre grupos de judeus e cristãos no contexto do Império Romano para compreender as ferramentas sociais de composição do *Diálogo*. Como a obra cooperou para a desafeição entre judeus e cristãos? Inicialmente, pretende-se fazer um levantamento biográfico do autor do *Diálogo*. Logo após, busca-se discutir alguns trechos da obra a partir de um debate historiográfico, dando margem ao terceiro tópico, a saber, o processo de dominação romana na Judeia, interferindo ou não nas relações entre judeus e cristão do segundo século.

Estoicismo

- O estoicismo se opõe ao epicurismo - o epicurismo é essencialmente hedonista. Para os estóicos, o fim supremo, o único bem do homem, não é o prazer, a felicidade, mas a virtude.
- Como o bem absoluto e único é a virtude, assim o mal único e absoluto é o vício.
- A paixão, na filosofia estóica, é sempre má; pois é movimento irracional, vício da alma? quer se trate de ódio, quer se trate de piedade.

Estoicismo

A única atitude do sábio estóico deve ser o aniquilamento da paixão, até a apatia. O ideal ético estóico não é o domínio racional da paixão, mas a sua destruição total, para dar lugar unicamente à razão: maravilhoso ideal de homem sem paixão. Daí a guerra justificada do estoicismo contra o sentimento, a emoção, a paixão, donde deriva o desejo, o vício, a dor, que devem ser aniquilados.

Spock, o estóico por excelência



Ellen White e a superioridade do cristianismo

- Entre os que se encontraram com Paulo na praça havia "alguns dos filósofos epicureus e estóicos"; mas estes, e todos os demais que entraram em contato com ele, logo viram que ele tinha um volume de conhecimento superior mesmo ao deles. Sua capacidade intelectual impunha respeito aos letrados, ao passo que seu fervoroso e lógico raciocínio e seu poder de oratória captavam a atenção de todo o auditório. Seus ouvintes reconheciam que ele não era nenhum aprendiz, mas era capaz de enfrentar todas as classes com argumentos convincentes em abono das doutrinas que ensinava. Ellen White. **Atos dos Apóstolos**, p. 235.

The Conditionalist Faith of Our Fathers, vol. 1, p. 607.

- “A incapacidade da filosofia platônica como um sistema ético para dar esse descanso e garantia à alma que professou prover e a devoção desapegada dos peripatéticos à ciência e à história, criou uma desconfiança em todos os sistemas existentes e um questionamento cético de todos os aspectos filosóficos reivindicações e certezas. Isso deu origem a três movimentos significativos - os estóicos, os epicuristas e os céticos”.

The Conditionalist Faith of Our Fathers, vol. 1, p. 607.

- O estoicismo era basicamente um panteísmo materialista, e era a antítese direta do platonismo. Não só proclamou a liberdade da vontade humana, mas também professou explicar toda a vida. Nela, o destino desempenhou um papel importante. Desde a eternidade, tudo é "determinado por uma cadeia infinita de causas perdidas".
- Os estóicos consideravam a "matéria" (imóvel, passiva, não formada) e "força" (ativa, em movimento, moldagem) como os dois princípios fundamentais, e mesmo assim um, com Deus como força trabalhadora do universo. E, de acordo com Ritter, eles consideravam a alma, que nos diz respeito, "Uma parte emanada do fogo universal, ou razão universal, que engloba o céu e rege tudo; e, portanto, só pode ser preservada pelo incêndio constantemente acumulado".

DARIUS, Fábio; SOUZA, Cleiton, 2016.

- Eusébio de Cesareia caracteriza Justino como um sincero amante da filosofia (Historia Ecclesiastica, IV.8.3). Sua conversão é descrita em Dialogo com Trifão. Dentre todas essas escolas, Justino narra o início de sua carreira até sua conversão como abandonando os estoicos, pois estes não lhe diziam nada a respeito de Deus, deixando também os peripatéticos, pois estes começaram a cobrar honorários. Deixou também os pitagóricos, pois esperavam demais das inúmeras disciplinas e ofícios. Contudo, quando conheceu os platonicos, ele vivenciou um verdadeiro deleite, pois imaginou ali ter profunda e verdadeiramente conhecido Deus.

- Sua vida tomaria novos rumos ao conversar com um ancião à beira do mar, onde foi convencido da insuficiência de seu platonismo. Assim, “Justino se transformou num pregador itinerante e iniciou sua atividade de apologeta propriamente dito, uma vez que passou a defender os cristãos e a fé, permanecendo leigo até o martírio”

- Cairns (2008, p. 91) comenta que pouco depois do ano 150, Justino escreveria sua primeira apologia, endereçada a Antonino Pio, imperador romano, e a seus filhos adotivos. Nessa apologia, ele exortava os imperadores a examinarem as acusações contra os cristãos, a fim de que fossem libertos se considerados inocentes. Justino então provaria que os cristãos não eram nem ateus, por crerem em um Deus que não se vê, e tampouco idólatras.

- Glorifiquemos a Deus, todas as nações juntamente reunidas, porque Ele olhou também para nós. Demos-lhe glória, por meio do Rei da glória, por meio do senhor das potências. Porque Ele também aprovou as nações e recebe os nossos sacrifícios com mais gosto do que os de vocês. Para que falar de circuncisão se já tenho o testemunho de Deus? Que necessidade há daquele banho para quem foi banhado pelo Espírito Santo? (Diálogo com Trifão, 29.1)

Clemente de Roma (30-100)

-

Várias hipóteses sobre ele já foram levantadas para identificá-lo. Para alguns ele pertencia à família real, para outros ele era colaborador do apóstolo Paulo, outros ainda sugeriram que ele escreveu a carta aos hebreus. Assim sendo, as informações que temos sobre Clemente de Roma vão desde lendárias até testemunhas fidedignas. Alguns pais aceitaram esta identificação de colaborador do apóstolo Paulo, como Orígenes, Eusébio de Cesaréia, Jerônimo, Irineu de Lião entre outros.

- A principal obra de Clemente é uma carta redigida em grego, endereçada aos crentes da cidade de Corinto, mais ou menos no final do reinado de Domiciano (81-96) ou o começo do reino de Nerva (96-98). Trata principalmente da ordem e da paz da Igreja, usando como lembrança que formamos um corpo em Cristo e como neste corpo deve reinar a unidade e não a desordem, pois Deus deseja a ordem em suas alianças. Utiliza-se ainda da analogia da adoração ordeira do Antigo Israel, e do princípio apostólico de apontar uma continuação de homens de reputação.

Policarpo (69-159)

- Sobre sua infância, família e formação, não temos informações precisas, contudo há documentos históricos sobre ele. Graças a alguns testemunhos fidedignos, podemos reconstruir sua personalidade. Foi discípulo do apóstolo João, amigo e mestre de Ireneu, tendo ainda conhecido Inácio, sendo consagrado bispo da igreja de Esmirna. Quanto aos seus escritos, a única epístola que restou desse antigo pai da igreja é sua Carta aos Filipenses, exortando-a a uma vida virtuosa de boas obras e à firmeza na fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Seu estilo é informal, com muitas citações do Velho e Novo Testamento, faz 34 citações do apóstolo Paulo, evidenciando que conhecia a carta de Paulo aos Filipenses, bem como outras epístolas. Todavia temos também o testemunho de Eusébio e Ireneu 5, relatando a intimidade de Policarpo com testemunhas oculares do evangelho. Segundo Tertuliano, Policarpo teria sido ordenado bispo pelas mãos do próprio apóstolo João.

Irineu (130-200)

- Nascido em Esmirna, na Ásia Menor (Turquia), no ano 130, em uma família cristã, Ireneu era grego e foi influenciado pela pregação de Policarpo, bispo de Esmirna. Anos depois, mudou-se para Gália (atual sul da França), para a cidade de Lyon, onde foi um presbítero em substituição do bispo que havia sido martirizado em 177.
- Ireneu também recebeu influência de Justino. Ele foi uma ponte entre a teologia grega e a latina, a qual iniciou com um de seus contemporâneos, Tertuliano. Enquanto Justino era primariamente um apologista, Ireneu contribuiu na refutação contra heresias e exposição do Cristianismo Apostólico. Sua obra maior se desenvolveu no campo da literatura polêmica contra o gnosticismo.

Orígenes (185-254)

- Nasceu de pais cristãos em 185 ou 186 da nossa era, provavelmente em Alexandria. Escritor cristão de vasta erudição, de expressão grega. Estudou letras e aprendeu de cor textos bíblicos, com seu pai, que foi morto por ocasião da repressão do imperador Setímio Severo às novas religiões. O bispo de Alexandria passou a Orígenes a direção da Escola Catequética, sendo então sucessor de Clemente. Estudou na escola neoplatônica de "Ammonios". Viajou a Roma, em 212, onde ouviu ao sábio cristão Hipólito. Em 215 organizou em Alexandria uma escola superior de Exegese Bíblica. Devido ao seu vasto conhecimento viajava muito e ministrava ao público nas igrejas.
- O fato de se haver castrado por devoção, lhe criou dificuldades com alguns bispos, que contrariavam o sacerdócio dos eunucos. Em 232 se transferiu para Cesaréia, na Palestina, onde se dedicou exaustivamente aos seus estudos. Sobreviveu aos tormentos de que foi vítima sob o Imperador Décio (250-252). Posteriormente a esta data morreu em Tiro, não se sabendo exatamente quando.
- Foi considerado o membro mais eminente da escola de Alexandria e estudioso dos filósofos gregos.